

João Cláudio, mais um irmão onde havia muitos

João Cláudio, another brother where there were many

 MARIA DO CARMO GUEDES 

¹ PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, BRASIL

 mcguedes34@gmail.com

DOI: [HTTP://DX.DOI.ORG/10.18542/REBAC.V18I1.12706](http://dx.doi.org/10.18542/REBAC.V18I1.12706)

Meu caro João.

Estávamos agora de volta a São Paulo, depois de um tempão morando no Interior. Éramos muitos, mas alguns já haviam saído de casa. E uma sala na qual o sofá, fixo, era na verdade um conjunto de três colchões... para quem viesse.

Lembra? Uma casa sempre cheia e parecia que você gostava. Foi um período curto no começo dos anos 60. Mas você encontrou aqui muita gente de sua idade ou da de seus irmãos. Minha irmã Tereza, mais nova que você uns cinco anos, se lembra bem de sua irmã Joceli. Não cheguei a conhecê-la, estava na PUC-SP quando você a trouxe. Deve ter sido estranho para vocês uma casa com tanta gente. Mas, o que era mais um, quando somos tantos? Para os pais, nenhuma novidade; eles gostavam da casa cheia de amigos dos filhos. E havia aqui dois bem de sua idade, com os quais você compartilhou estudo na USP (Universidade de São Paulo) ou trabalho em empresa entre 62 e 64.

Quanto a mim..., você de fato me pegou de surpresa quando, naquele evento da SBP (Sociedade Brasileira de Psicologia) que me colocou “na berlinda” (O “Café com Maria do Carmo”), você disse: “Fui seu estagiário no CRPE (Centro Regional de Pesquisas Educacionais)”. Levei um susto, não me lembrava disso! Mas, como podia ter esquecido? Justo você, tão amigo? Justo no CRPE, tão importante na minha formação, e de onde tenho tão boas lembranças?

Entretanto, lembrava bem de sua aproximação à família nessa época, e eu, de fato, trabalhei no Centro de Pesquisas Educacionais de São Paulo de 57 a 65. Deixei para responder depois, para atender a uma questão do Ricardo Gorayeb (por que as pessoas me chamam pelo apelido familiar?) mas não deu tempo. Você logo saiu, devia mesmo ser difícil para você ficar numa sala cheia de gente e no canto mais longe da porta... Isso eu lembro bem, e fazia parte de minha (e de todos) admiração por seu empenho junto a eventos científicos na sua profissão. Você inteiro, como em qualquer tarefa que se impunha.

Deixe-me, pois, dizer agora o que descobri então; e o que pude (re)descobrir agora - para atender ao convite de Deisy (das Graças de Souza) e Elenice (Hanna): participar de tão justa homenagem, na revista que você mesmo criou. Muito honrada, aceitei a oferta: “um comentário sobre seu relacionamento com Todorov”.

Para o agora, recorri aos irmãos Maria Helena e João Gualberto - seus mais próximos. Não que eu não tenha sido, como todos em casa, incluindo pai e mãe. Chego a imaginar, hoje, que você conheceu aqui “mais um lugar para chamar de seu”. Como Herma Bauermeister, que conhecemos graças à diáspora da Universidade de Brasília. Como você, ela também integrou a equipe que Carolina Bori escolheu em 62 para ajudá-la na formação do laboratório para um Departamento de Psicologia na UnB. Estão ambos em cartas de Bori a Keller nesse ano, Herma trabalhando lá desde 63 (“grande colaboradora”), e você “ansiosamente” esperado para começo de março de 64. Maria Helena trouxe Herma, em 65, em seguida ao pedido de demissão que mais de duzentos professores já contratados assinaram. Um ato ético-político, todos reconhecemos. Passados uns dez dias, Herma contou que tinha achado uma pensão (a família morava em Rio Claro). A convite de minha mãe, acabou morando aqui por dois anos (quando, agora Drachenberg, se mudou e foi lecionar em Assis). Não sei se chegou a saber, ajudou nesse tempo na criação do nosso Biotério. Mas eu era bem mais velha que vocês e me sentia muito importante em 1962: estava fazendo aquilo que pensava me cabia na vida: era professora de alunos de filosofia. Não era para isso que tinha feito Filosofia na Maria Antonia?

Para o então, fui relembrar tempos de CRPE. Fui atrás da dissertação de mestrado de uma orientanda de Celso Beisiegel, que fora meu colega por lá. Um “levantamento documental e bibliográfico para descrever o que se fazia então” num dos Centros inaugurados por Anísio Teixeira em 1956. Um Centro chefiado por Fernando de Azevedo, que deveria atrair todas as ciências para pensarem, juntas, a educação necessária ao Brasil (a pesquisa traz até a carta-convite). Quem sabe acho uma pista, pensei. Talvez até em qual projeto você poderia ter estagiado. E logo descubro

duas pistas: uma indireta - Rodolpho Azzi, mais um da equipe de Bori (na verdade o principal, conforme descobri em pesquisa sobre a recepção de Keller no Brasil), fez lá sua pesquisa sobre “Máquina de ensinar: a moda e o medo”, publicada em Pesquisa e Planejamento, 1962. Quanto ao seu estágio, cheguei mesmo a uma hipótese. Para dar conta de tantos levantamentos sobre o ensino neste país, precisávamos então de muita ajuda da estatística, quem sabe você teria sido bom nessa disciplina e... De fato, na Divisão de Estudos Educacionais, a DEPE, tínhamos um estatístico, que era professor na Pedagogia. E descobri que a Divisão de Pesquisas Sociais tinha outro, que era professor no Curso de Psicologia. Mais: um professor que chegou a ir com vocês para a UnB. Você poderia ter sido indicado ao CRPE pelo Professor Álvaro Marchi...

Para confirmar, voltei a falar com Maria Helena, que conheceu você no Grêmio da Maria Antonia (FFCL) da Universidade de São Paulo, USP em 63, quase terminando Pedagogia e, você, a Licenciatura em Psicologia. De fato, soube dela que você estagiou na DEPS, que era a Divisão responsável pelos levantamentos sobre ensino fundamental e médio no país, projeto do qual também participei um tempo, e no qual posso ter coordenado parte do trabalho de estagiários. Soube ainda que você foi quem a alertou para a possibilidade de um Mestrado na UnB. E que você até a ajudara a preencher os documentos para isso. Você deve lembrar: como era formada, pôde ser contratada imediatamente como Instrutora, igual Isaías Pessotti - dois entre os poucos realmente demitidos entre os Instrutores que, em 1964, estavam já contratados. Maria Helena me lembrou ainda: em São Paulo para uma banca no final dos anos 1980, você (agora na Reitoria da UnB) havia trazido, para ela assinar, o documento da anistia aos contratados demitidos. Que honra, pensei. Pessoalmente!

E vamos agora ao ponto seguinte em nossas relações familiares. Vamos falar de 1964: uma aproximação mais estreita, graças aos acontecimentos que se seguiram. Enquanto esperava confirmação para assumir seu lugar na UnB, trabalhou na Divisão de Recursos Humanos da General Electric (GE), ao mesmo tempo que João Gualberto - que, como você, participara em pesquisa no CRPE enquanto terminavam a faculdade (meu irmão em Economia). E completei minhas lembranças com isso, acrescentando ainda uma possibilidade: talvez você tenha ido ao CRPE para fazer entrevistas, como o nosso João. Uma relação que se firmou a partir daí, e foi intensa até que você se foi de vez para Brasília. Em viagens de fim de semana (Rio de Janeiro e Ubatuba) e em noitadas em São Paulo, você ficava em casa quando os programas terminavam tarde. Você já não tinha o apartamento e a família morava em Santo André. E ambos, no dia seguinte, iam juntos assinar ponto na GE às oito da manhã... Pouco nos encontrávamos então, mas minha mãe confirmava sempre: “ouvi quando chegaram, e saíram bem cedo para o trabalho”.

Houve ainda um momento tenso quando da ditadura: foi um tempo de acolher estudantes que poderiam ser procurados por sua atuação política. Você estava ainda em São Paulo e trouxe outro convidado da equipe de Bori e que virou grande amigo - Luiz Otávio de Seixas Queiroz, colega de apartamento enquanto aguardavam autorização para viajar - ele também da equipe de Bori. Foi quando pela primeira vez me interessei por Brasília. Descobri que Bori (que me dera aula de Psicologia Experimental no 2o ano da Filosofia) pensava bem grande: devia pensar num campo disciplinar completo para o Departamento de Psicologia na UnB. Além de começar ao mesmo tempo Graduação, Mestrado e Doutorado (exigência de Darcy Ribeiro, agora Coordenador da Implantação da UnB, para que pesquisa fosse ensinada desde a graduação), já levava alguém para ajudar em Aplicação, quarta exigência para uma área virar um campo disciplinar científico. Até então, Psicologia na SBPC era incluída nas Ciências da Vida, mas a tendência era incluí-la agora entre as Humanas. Para isso, Bori recrutara pessoal para as quatro etapas indispensáveis. Na ordem: Pesquisa, (para Bori, um Laboratório como primeira etapa de qualquer curso, e Dora Ventura Fix já prevista); Ensino (a começar de Rodolpho e Maria Amélia Matos, assistentes de Keller em 61); e Geraldina Witter (que chegou a ir, mesmo “rebaixada” a Instrutora); e Divulgação (primeiras traduções e publicações). A inclusão de Luiz Otávio, mais um bom recém-formado, me mostrou que a Aplicação estava já prevista. É preciso dizer também algo muito importante sobre o projeto de Anísio Teixeira: que no início se contratasse apenas “Instrutores”, reservando o cargo de “Professor” para mais tarde, depois da aprovação do Projeto da UnB no Senado e estando mais adiantada a construção da UnB. Para isso, o exemplo vinha de cima: os convidados para criação de Departamento aceitaram o título simples de Professores, abandonando provisoriamente seus títulos adicionados em carreiras seguidas em outras Universidades.

Mas, João, estou avançando agora no que pretendia contar a você em 20 de março deste ano, na entrevista que me prometeu (aquela passagem a Brasília que perdi, por causa da pandemia). E, embora preocupada com sua saúde, estava contente porque poderia entrevistá-lo antes de sua saída anual para os Estados Unidos, por causa da secura de Brasília. Mas agora você também me cobrava dados rapidamente apresentados no evento de São Carlos, neste janeiro, sobre minha pesquisa em História da Análise do Comportamento no Brasil, cuja novidade era saber que Bori pensava já num “campo disciplinar” (cf Goldfar e Ferraz) para a Psicologia. Ela não pensava só num IAEC (Introdução à Análise Experimental do Comportamento). Pensava num futuro Curso em Psicologia. De quebra, deveria levar ainda

informações sobre minha aproximação a Carolina Bori apenas em 69. Nada muito especial: foi quando eu soube que ela tinha alunos na USP de qualquer área num Mestrado sobre Ensino de Ciências. Ia, desse modo, responder a uma outra curiosidade que criei no evento que comemorou os 60 anos da vinda de Keller ao Brasil. Detalhes que começamos a conversar por e-mail desde janeiro. Mas levava também outra surpresa: responderia mais uma pergunta que você fez naquele evento da SBP a que me referi no começo desta longa carta: por que mudei da Filosofia para a Psicologia? Conto agora: foi quando decidi fazer meu doutorado em Ensino de Metodologia para Ciências Humanas. Queria pesquisar melhor o que estava fazendo no Ciclo Básico da PUC, que o incluía para alunos dessa grande área. Ia tão bem, que Economia e Direito, que se recusaram num primeiro momento, resolveram entrar depois de conhecê-lo melhor no final de um ano. Descobri então que deveria trocar a ideia de um doutorado em Filosofia da Ciência por um em Metodologia da Ciência; desde 63 era professora de Metodologia Científica para Pedagogia e Ciências Sociais, antes de virar professora também de Psicologia Experimental. Voltei então à USP e achei Bori lecionando Ensino de Ciências para Mestrado em qualquer área. E soube, então, que sua ida a Brasília fora escolha pessoal de Darcy Ribeiro, com quem trabalhara no CBPE (Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais) no Rio de Janeiro em 58/9. Para mim, uma referência importante para quem, como eu, tinha nele o principal autor sobre uma universidade especial para o Brasil desde meu tempo no CRPE.

Desculpe a digressão, e vamos voltar à nossa carta sobre você na família Moretti Guedes, razão do convite de Deisy e Elenice. Vou direto ao seu primeiro projeto público nesta área em que estamos publicando este depoimento. Trata-se da apresentação do Brasilino (um ratinho num encadeamento longo e perfeito na SBPC de 1964. Não imagina como foi bom conhecê-lo aqui em casa. Deu bem para ver um exemplo do que você ia fazer em Brasília. Como Herma e Isaías, você era esperado num dos Laboratórios previstos e que já havia acolhido uma primeira turma de 150 alunos, juntos todos os candidatos ao primeiro vestibular. O projeto de Darcy Ribeiro exigia isso, a escolha seria mais tarde.

Você não imagina como foi bom mostrá-lo em casa! Vimos o que você já fazia, desde que se juntara à equipe de Brasília. Acresce que a Maria Helena já tinha intenção de aproveitar a chance de se transferir para Brasília (o CRPE era também instituição federal, foi fácil). No começo de 65, Pai e Mãe chegaram a ir duas vezes a Brasília, primeiro para conhecer a Novacap (como era chamada) e, em seguida, para visitar a filha já instalada.

Enquanto isso, você dava início a uma carreira que nada teve de linear. Só em Brasília, 30 anos bem contados. Guardo com carinho o primeiro livro da Editora que saiu na sua gestão como Reitor. Você confirma ali: “Veja no que deu a bússola que ganhei na formatura.” Com passagens marcantes em cursos de Psicologia e Medicina, você esteve em diferentes cidades e países desde que começou Professor. Sempre ampliando conhecimento, sem deixar nunca de se aprofundar. E mais, sempre partilhando, como só sabem fazer apenas uns poucos, mesmo entre os bons.

E tudo isso ao tempo em que formava uma linda família - que sabia amar. Cada um e todos, conforme se via bem. Tenho ainda a foto de há uns três, quatro anos, que me mandou quando perguntei por e-mail se tinha tido um bom aniversário: na foto, você e um netinho que tinha feito (?) o seu bolo.

Formou também um enorme número de amigos e muito respeito em todas as subáreas da Psicologia, além de várias outras ciências. E, o que mostra ainda sua capacidade de saber viver a vida, muitos, muitíssimos... seguidores. Grande abraço, amigo.

A Deisy e Elenice devo esta maravilhosa chance de finalmente começar meu luto.

João Cláudio, quanta saudade deixa aqui!

Grande abraço, Loira.

Declaração de conflito de interesses

A autora declara que não há conflito de interesses relativos à publicação deste artigo.

Direitos Autorais

Este é um artigo aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons 4.0 BY-NC.



Artigo convidado
Submetido em: 04/11/2021